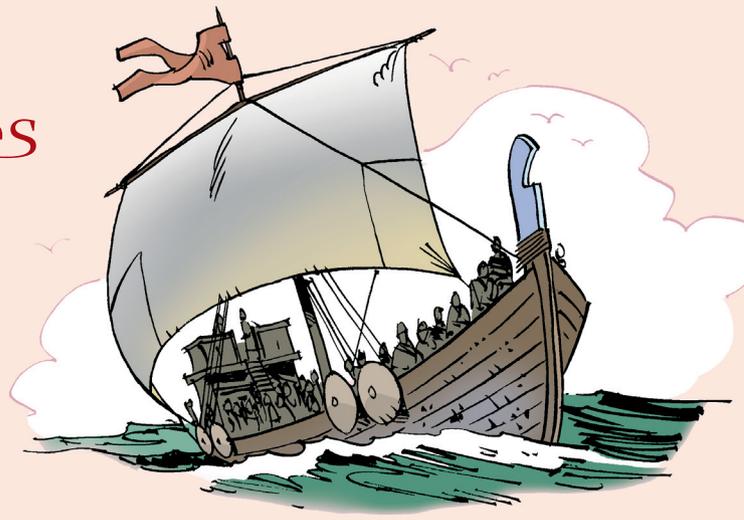


# Os Santos Mártires



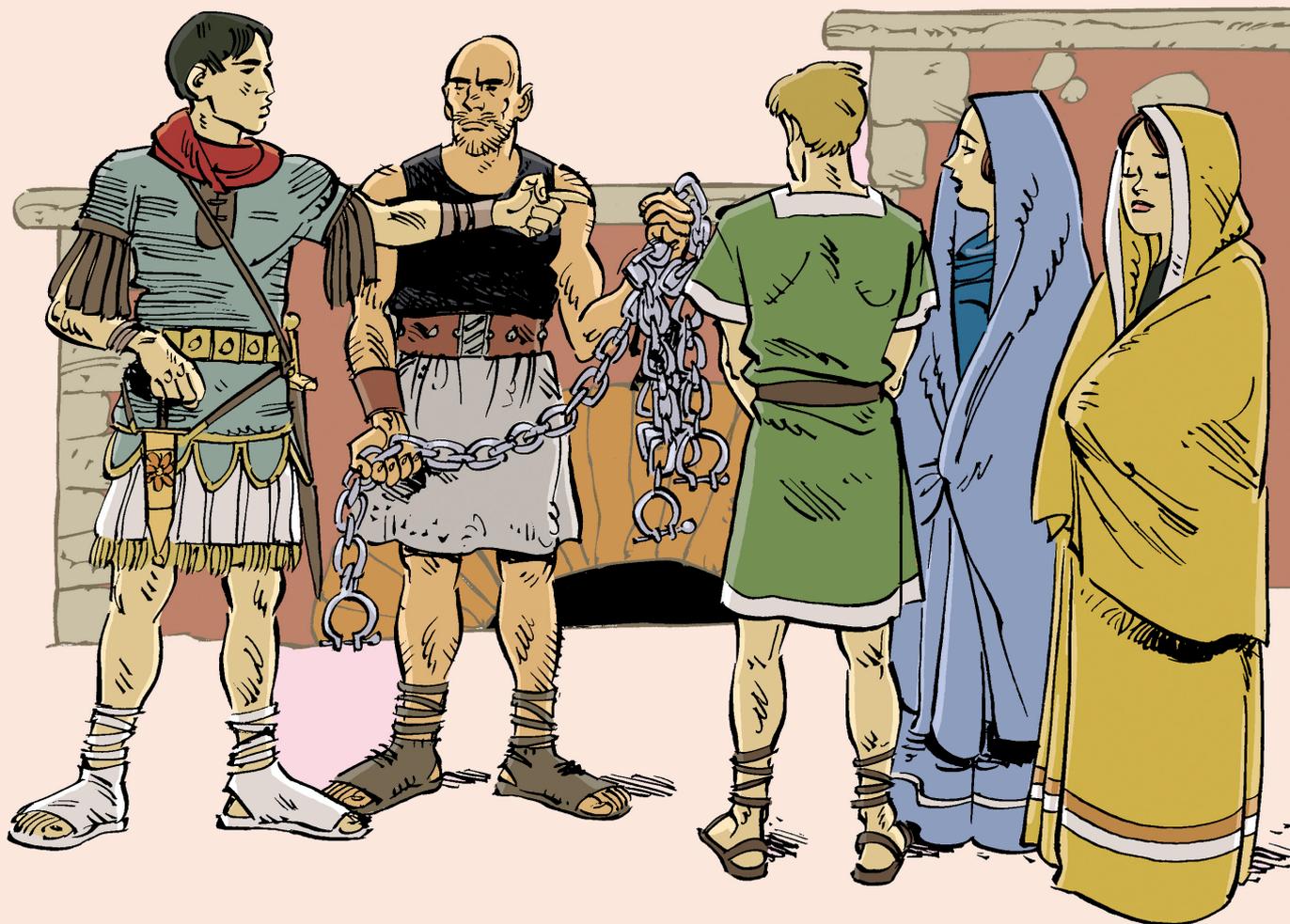
Uma das lendas mais interessantes acerca de Lisboa diz respeito aos Santos Mártires: Veríssimo, Máxima e Júlia. Eram três irmãos, filhos de um importante dirigente romano que, às escondidas das autoridades locais, divulgavam a fé cristã e auxiliavam todos aqueles que deles necessitavam.

Um dia, já no final do governo do imperador Diocleciano (284 a 305), quando aumentavam as perseguições aos Cristãos, decidiram apresentar-se de livre vontade às autoridades romanas. Mas, quando se preparavam para o fazer, apareceu-lhes um anjo que os mandou desistir daquela intenção, manifestando-lhes o desejo de que fossem à Lusitânia divulgar a palavra de Cristo. Os três irmãos assim fizeram, vindo a desembarcar em Lisboa. Com a sua evangelização, a conversão das populações ao Cristianismo fez-se de forma tão rápida que as autoridades locais logo ficaram de sobressalto. E de novo aumentaram as perseguições.

Os três irmãos, embora tivessem a vida cada vez mais ameaçada, não só não desanimaram como redobram a sua fé e entusiasmo. Não tardaram por isso a ser presos e julgados. Acusados de atentarem contra o Estado, foram condenados à morte. Os torturadores bem tentaram demovê-los da fé que tinham, mas sem qualquer êxito. Ligados de pés e mãos, foram atados às caudas de três cavalos que os arrastaram pela cidade, sendo os corpos lançados aos animais. Ainda assim, estes respeitaram os cadáveres pelo que os corpos, intactos, foram lançados ao mar, amarrados a pesados blocos de pedra.

Quando os barcos que os levaram regressaram à praia já lá se encontravam os corpos pouco antes deixados no mar. Frente a essa praia, os Cristãos, secretamente, mandaram dar-lhes sepultura condigna. Mais tarde foi aí construído um altar, e depois um templo, em memória dos Santos Mártires. Esta é a origem do nome de Santos, ainda hoje atribuído à zona de Lisboa onde teriam, segundo a lenda, dado à costa os seus corpos.

De acordo ainda com a tradição, passados muitos séculos, quando D. Afonso Henriques conquistou Lisboa aos Mouros, em 1147, logo procurou averiguar onde estariam as relíquias dos Santos Mártires que os Cristãos tinham escondido durante o período de domínio muçulmano. Como não as encontrasse, mandou construir no lugar de Santos um mosteiro para os cavaleiros da ordem militar de Santiago. Esse mosteiro viria depois a ser habitado pelas viúvas dos cavaleiros, que ficaram conhecidas por Comendadeiras de Santos. Mais tarde, foi construído um novo edifício noutra local da cidade, ainda hoje, por isso, designado como mosteiro de Santos-o-Novo.



# A Moura Salúquia



A cidade de Moura é uma das muitas povoações do sul de Portugal cuja história está profundamente ligada à presença muçulmana entre nós. O próprio nome da localidade teria justamente origem neste facto.

Segundo a lenda, diz-se que no tempo de D. Afonso Henriques, vivia no Alentejo uma moura muito bela, de seu nome Salúquia. Era filha de um famoso chefe muçulmano, Abu-Assan, senhor do mais importante castelo das redondezas, que os Cristãos queriam conquistar.

Nas noites bonitas de luar, a jovem Salúquia ia para a janela cantar, o que deixava os homens que a ouviam completamente enamorados. Também os cavaleiros cristãos escutavam os seus cantos e o que mais desejavam era conquistar o seu coração. No entanto, a jovem Salúquia nunca saía da sua torre e já estava prometida em casamento a um mouro chamado Brafama, governador do castelo da vizinha cidade de Aroche.

Estando a par destes factos, os Cristãos decidiram então planear uma emboscada. Assim, quando no dia apazado Brafama se dirigia para o local do casamento, cruzou-se com uma comitiva chefiada por dois nobres cristãos, Álvaro e Pedro Rodrigues. Logo ali se travou uma violenta batalha, que terminou com a derrota e morte de todos os Muçulmanos. Uma vez sozinhos, decidiram os Cristãos vestir os trajes dos vencidos e, desta maneira, sem causarem suspeitas, seguiram para Moura, a fim de tomarem a cidade.

Quando Salúquia os avistou ao longe pensou tratar-se do noivo e da restante comitiva. Mandou então baixar a ponte levadiça que dava acesso ao castelo e abrir as suas portas de par em par. Quando se apercebeu do engano era, no entanto, demasiado tarde. Muitos cavaleiros estavam já dentro do recinto amuralhado e não permitiram que as portas fossem de novo fechadas. Apanhados de surpresa, os Muçulmanos foram facilmente destroçados.

O jovem cavaleiro Álvaro Rodrigues, que vinha disfarçado com as roupas de Brafama, ainda correu para a torre. Lá do alto, Salúquia compreendeu o destino que a esperava mas, fiel ao seu amor, tomou as chaves do castelo e atirou-se do alto da torre.

Segundo a lenda, foi a partir de então que a cidade (Maura) passou a chamar-se Moura, em homenagem à corajosa muçulmana, e que os reconquistadores cristãos, Álvaro e Pedro Rodrigues, passaram também a usar o novo apelido.



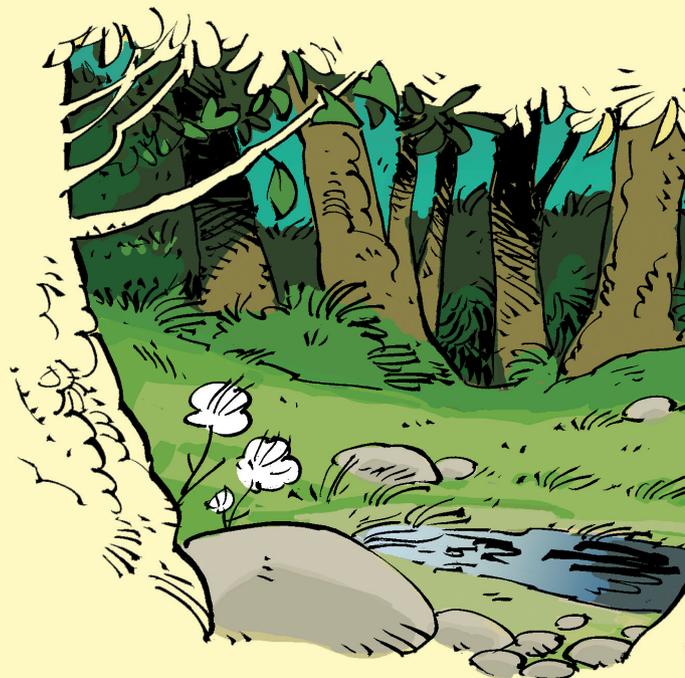
# A Lenda de Cárquere

---

Segundo a tradição, Guimarães teria sido o berço do primeiro rei de Portugal, D. Afonso Henriques. Nessa altura, a cidade era já uma importante praça-forte do Condado Portucalense, cujas terras abrangiam o território desde o Minho e Trás-os-Montes até à região a sul do Douro. Embora existissem outras vilas mais importantes, como Braga e Porto, era ali que a Corte permanecia mais tempo dada a sua situação central e as limitações que as outras localidades apresentavam. A primeira, porque pertencia ao arcebispo, e estava num local plano que favorecia um ataque inimigo; a segunda, porque, além de ser governada pelo bispo, os fidalgos também não eram bem-vindos e estavam até proibidos de ali possuir qualquer residência.

É neste quadro histórico que surge a lenda de Cárquere. De acordo com ela, D. Afonso Henriques teria nascido corcunda e com graves defeitos físicos numa perna, o que o impedia de aspirar à sucessão do Condado e tornar-se um destacado chefe militar como o seu pai.

Ainda muito novo, foi o jovem confiado aos cuidados de um dos mais ricos fidalgos de Entre Douro, D. Egas Moniz, que se encarregou de exercitar o físico e formar o espírito de Afonso Henriques. Algum tempo depois morria o conde D. Henrique sem deixar mais descendência, mas,

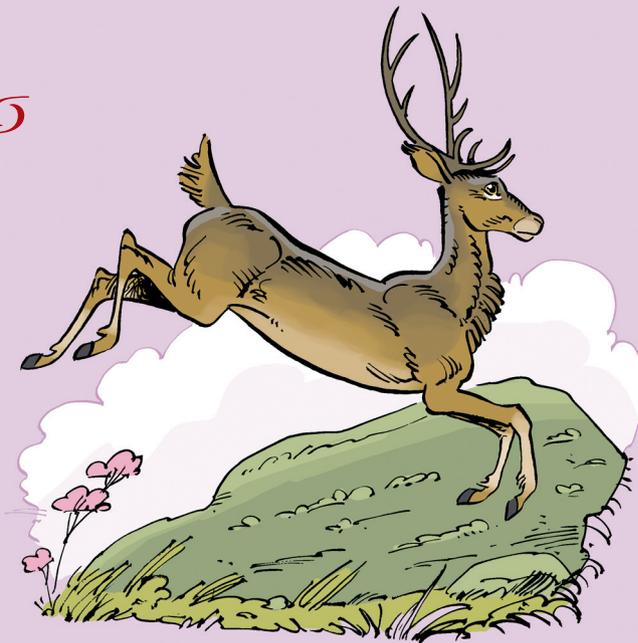


apesar do empenho do aio Egas Moniz, poucas melhoras se verificaram no estado de saúde do jovem Afonso.

Naquela época, ainda as lutas contra os Muçulmanos eram frequentes na região, pelo que os Cristãos escondiam as imagens sagradas para não serem vandalizadas pelos seus inimigos. Foi o que aconteceu à imagem de Nossa Senhora de Cárquere, que ficou durante longo tempo escondida no tronco oco de uma árvore. Certo dia, porém, em que Egas Moniz regressava do sul, de uma das suas incursões contra os Mouros, apareceu-lhe em sonhos Nossa Senhora. Esta revelou-lhe o sítio exacto onde se encontrava a imagem e pediu-lhe para ali construir uma nova igreja em cujo altar devia colocar, por uma noite, o jovem Afonso Henriques. Egas Moniz tratou logo de iniciar a construção, de modo a cumprir o pedido que lhe tinha sido feito. Concluída a obra e depois de uma noite passada em vigília, Afonso Henriques apareceu finalmente curado. Em agradecimento pelo milagre realizado, Egas Moniz mandou ampliar a construção inicial e concedeu avultados bens ao Mosteiro.



# D. Fuas Roupinho



**D**urante os reinados de D. Afonso Henriques e do seu filho D. Sancho I distinguiu-se um nobre cavaleiro chamado Fuas Roupinho. Valente homem de armas, conseguiu por diversas vezes levar de vencida os exércitos muçulmanos. Numa das batalhas em que participou, em 1180, junto a Porto de Mós, tomou como prisioneiros um importante rei mouro e a sua filha.

Este D. Fuas Roupinho, para além de cristão devoto e generoso para com os seus trabalhadores, tinha o prazer da caça e uma particular veneração por Nossa Senhora da Nazaré. Assim, sempre que o rei atravessava as suas terras era certo e sabido que durante vários dias permanecia longe de casa, perseguindo todo o tipo de animais, sobretudo os de grande porte, como o javali, o urso e o veado. No final das caçadas, organizavam-se grandes banquetes, acompanhados de música, que se prolongavam muitas vezes até ao despontar do Sol.

Um dia em que se encontrava sozinho a caçar chegou-lhe a notícia de que o rei mouro que havia aprisionado tinha morrido. A princesa, sua filha, muito desgostosa, manifestava o desejo de conhecer o Deus do nobre cavaleiro e, sobretudo, a mãe desse Deus.

Como bom cristão e desejoso de satisfazer a vontade da princesa, D. Fuas Roupinho decidiu levá-la até à Nazaré. Quando já estava perto do local de destino surgiu-lhe pela frente um belo veado. Entusiasmado com aquela visão, largou de imediato a comitiva e foi em sua perseguição. Habi-

tuado como estava a caçar e montado no seu melhor cavalo, não duvidou que rapidamente alcançaria o veado. No entanto, o animal parecia possuído do demónio, correndo desenfreadamente e dando grandes saltos sem mostrar qualquer tipo de cansaço. D. Fuas, fixado exclusivamente naquela imagem, nem se apercebeu do nevoeiro que se tinha começado a formar. A perseguição continuou já sem ver os sítios por onde se metia.

No momento em que deu conta onde se encontrava era já demasiado tarde. À sua frente estava uma enorme falésia cavada a pique sobre o mar e o cavalo, com as duas patas dianteiras no ar, preparava-se para se lançar no abismo.

Foi nesse momento que pediu ajuda a Nossa Senhora da Nazaré, que veio em seu socorro equilibrando o cavalo e salvando-o assim de uma morte certa. Para assinalar este milagre foi construída no local a ermida da Memória. Dizem que ainda hoje se podem ver aí gravadas na rocha as patas do cavalo de D. Fuas.

